

LAURENCE REES



Hitler

E

STÁLIN



OS TIRANOS
E A SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL

CRÍTICA

LAURENCE REES

Hítler ^E STÁLIN

OS TIRANOS E A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Tradução
Claudio Carina

Copyright © Laurence Rees, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Claudio Carina

Título original: *Hitler and Stalin: The Tyrants and the Second World War*

Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Tiago Ferro

REVISÃO: Carmen T. S. Costa e Alexandre Paris

DIAGRAMAÇÃO: Anna Yue e Francisco Lavorini

CAPA: Daniel Justi

IMAGENS DE CAPA: David Cole/ Alamy/ Fotoarena e
World History Archive/ Alamy/ Fotoarena

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Rees, Laurence

Hitler e Stálin: os tiranos e a Segunda Guerra Mundial / Laurence
Rees; tradução de Claudio Carina. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.
592 p.: il.

ISBN 978-65-5535-610-6

Título original: *Hitler and Stalin: The Tyrants and the Second World War*

1. Hitler, Adolf, 1889-1945 2. Stálin, Joseph, 1878-1953 3. Guerra Mundial,
1939-1945 4. Chefes de Estado I. Título II. Carina, Claudio

21-5396

CDD 940.53

Índices para catálogo sistemático:

1. Hitler, Adolf, 1889-1945
2. Stálin, Joseph, 1878-1953



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
e Bliss Pro e impresso pela Gráfica Santa Marta para a
Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2022.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

Lista de mapas.....	9
Lista de imagens.....	11
Prefácio.....	15
Introdução.....	19
1. O pacto.....	41
2. A eliminação da Polônia.....	64
3. Destinos opostos.....	91
4. Sonhos e pesadelos.....	120
5. A guerra de aniquilação de Hitler.....	138
6. A invasão.....	156
7. Dias de desespero.....	183
8. Uma guerra mundial.....	204
9. Fome.....	231
10. Os ambiciosos planos de Stálin.....	253

11. Através das estepes	276
12. A batalha no Volga	299
13. A luta continua	323
14. Ficção e realidade	354
15. Matança em massa	378
16. O colapso do centro	400
17. Dias de morte	429
18. Vitória e derrota	462
Posfácio.....	479
Agradecimentos	487
Notas.....	489
Índice remissivo	551

CRÍTICA

O PACTO

Em agosto de 1939, Hitler e Stálin – os mais ferrenhos inimigos ideológicos – fizeram algo verdadeiramente extraordinário: assinaram um pacto de amizade. E, para muitos de seus correligionários, era um arranjo que parecia ir contra toda a lógica.

“Nós não conseguíamos entender”, disse Karl-Hermann Müller, na época um jovem marinheiro alemão. “Por um lado, o comunismo era combatido, ou pelo menos deveria ter sido, mas por outro lado foi feito um pacto com os comunistas. [...] Não fazia sentido.”¹

É fácil entender a confusão de Karl-Hermann – e a perplexidade de milhões de outros. Fazia anos que Hitler vinha investindo contra a União Soviética. Já em 1924 ele escrevera em *Mein Kampf* que “os governantes da Rússia atual são criminosos comuns manchados de sangue” e “a escória da humanidade”, que “tomaram um grande Estado em um momento trágico, massacraram e exterminaram milhares de seus líderes intelectuais com uma selvagem sede de sangue” e, uma vez no poder, implantaram “o regime mais cruel e tirânico de todos os tempos”.²

Como alguém que via o mundo quase exclusivamente em termos raciais, Hitler acreditava que a raça era a chave para entender a ação dos bolcheviques: “Esses governantes pertencem a uma raça que combina, em uma mistura rara, crueldade bestial e um dom inconcebível para mentir, e que hoje mais do que

nunca tem consciência da missão de impor sua opressão sangrenta ao mundo todo”.³

Como se não bastasse, Hitler apresentou depois, em *Mein Kampf*, a razão final – para ele, devastadora – pela qual a União Soviética era tão perigosa. “Não se esqueça”, escreveu, que “o judeu internacional domina completamente a Rússia” e “considera a Alemanha não como um aliado, mas como um Estado destinado” a sofrer o mesmo destino da Rússia Imperial nas mãos dos comunistas. Além disso, o controle da União Soviética, afirmou, era apenas o primeiro passo dos judeus: “No bolchevismo russo, devemos ver a tentativa empreendida pelos judeus no século XX de chegar à dominação mundial”.⁴ Assim, qualquer acordo político com a União Soviética era impensável para Hitler. Ele afirmou explicitamente em *Mein Kampf* que “não se fazem pactos com ninguém cujo único interesse seja a destruição do seu parceiro”.⁵

As teorias iradas de Hitler sobre a União Soviética foram aceitas por seus apoiadores, não apenas por muitos deles serem antissemitas ostensivos ou latentes, mas também como consequência da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Para lidar com a humilhação da derrota, muita gente – principalmente dos partidos nacionalistas de direita – procurou bodes expiatórios. Culparam “os judeus” por conspirarem nos bastidores para provocar a derrota alemã, e os “democratas” judeus por negociarem os odiados tratados de paz após a guerra – mais notoriamente o Tratado de Versalhes. E, quando houve tentativas de revoluções em Munique e Berlim, em 1919, afirmaram que os judeus, como a força supostamente por trás do bolchevismo, estavam tentando conquistar a Alemanha.

Eles buscavam defender suas afirmações destacando fatos seletivamente. Não foram alguns judeus que lideraram a revolução em Munique, que estabeleceu uma república “soviética” de curta duração na Baviera em 1919? Não houve a participação de políticos judeus, como Otto Landsberg, nas discussões sobre o Tratado de Versalhes? Os líderes bolcheviques não eram judeus, como Leon Trótsky? Na verdade, o próprio Marx não era judeu de nascença?

No entanto, como todas as declarações preconceituosas, os argumentos por trás dessas afirmações desabam à luz da razão. Sim, houve um pequeno número de judeus envolvidos na revolução de Munique, mas a maioria dos judeus alemães obedecia às leis e abominava insurreições violentas. Sim, Otto Landsberg havia participado do Tratado de Versalhes, mas foi tão contrário ao acordo que renunciou

em seguida. Sim, Leon Trótsky nascera em uma família judia, mas isso não se aplicava a muitos outros bolcheviques importantes – como Stálin e Molotov, para citar apenas dois. Finalmente, apesar de ter ascendência judaica, Marx nunca foi um judeu praticante. Na verdade, seu pai se converteu ao cristianismo.

Nenhum desses detalhes importava para Hitler. Ao longo de sua carreira política, ele nunca permitiu que os fatos o tolhessem, e seu ódio cego pela União Soviética o ajudava a dar sentido ao mundo. Na verdade, é difícil pensar em qualquer convicção sobre política externa que Hitler sustentasse com mais paixão em 1924 do que sua aversão ao “bolchevismo russo”. Seu implacável preconceito contra os soviéticos reuniu as principais vertentes de seu pensamento: o racismo, o antissemitismo e o medo de a “pureza do sangue” alemão ser corrompida por um povo que procurava destruir seus inimigos com “mentiras e calúnias, veneno e corrupção”.⁶

Hitler também admitia abertamente seu desejo de que a Alemanha roubasse territórios da União Soviética. Escreveu em *Mein Kampf* que havia decidido “interromper o interminável movimento alemão para o sul e para o oeste e voltar nosso olhar para as terras do Leste”.⁷ Afirmou explicitamente que seu “olhar” visava ao território da “Rússia e seus Estados-vassalos fronteiriços”. Hitler dificilmente poderia ter sido mais claro. Seu desejo era criar um novo Império Alemão no oeste da União Soviética; e não disse isso em encontros secretos, conspirando com seus confidentes mais próximos, mas em um livro publicado para o mundo.

No mito popular, esse desejo de confiscar terras da União Soviética costuma ser citado como um dos primeiros exemplos da megalomania de Hitler. O quanto um ser humano precisa ser desvairado, prossegue o argumento, para querer conquistar a Rússia? Como disse o marechal de campo Montgomery, a “Regra Número Um” da guerra é “não marchar sobre Moscou”.⁸ Mas não era assim que a questão era entendida na época.

Hitler estava ciente, ao escrever *Mein Kampf* em 1924, que apenas seis anos antes os bolcheviques, por insistência alemã, haviam cedido vastas extensões de terra e um terço da população da Rússia pré-revolucionária. Sob o Tratado de Brest-Litovsk, firmado no início de 1918, os bolcheviques abriram mão dos Estados Bálticos, da Ucrânia e muito mais. Assim, em 1918 os alemães perceberam que invadir a “Rússia” poderia de fato ser um empreendimento muito lucrativo.

Lênin concordou com esse tratado humilhante porque queria sair da Primeira Guerra Mundial. Precisava se concentrar em consolidar a revolução em casa, e esse foi o preço a ser pago. Em março de 1918, escreveu que, embora Brest-Litovsk pudesse ser considerado uma “paz obscura”, a realidade era que, se os bolcheviques não abandonassem a guerra, “nosso governo seria posto de lado”.⁹ Mais tarde, Lênin comparou o tratado de paz a um acordo com criminosos. “Imagine que seu carro foi parado por bandidos armados”, escreveu. “Você dá a eles seu dinheiro, seus documentos de identidade, seu revólver e o próprio carro. Em troca, fica dispensado de sua agradável companhia. [...] Nosso compromisso com os bandidos do imperialismo alemão foi exatamente um acordo desse tipo.”¹⁰

Os alemães não ficaram impressionados com o calibre dos representantes bolcheviques que chegaram para discutir o acordo. “Nunca esquecerei o primeiro jantar que tivemos com os russos”, escreveu o major-general Max Hoffmann, membro da delegação alemã. “À minha frente estava o operário, claramente tendo problemas com os vários implementos que encontrou à mesa. Tentou servir a comida em seu prato primeiro com uma coisa e depois com outra.” Hoffmann também notou que um dos representantes bolcheviques, quando questionado se queria “clarete ou branco”, respondeu que “preferia” o que fosse “mais forte”.¹¹

O Tratado de Brest-Litovsk não perdurou muito tempo – foi desmantelado após a derrota da Alemanha, em novembro de 1918 –, mas, quando Hitler escreveu *Mein Kampf*, a memória do acordo original ainda era recente.¹² Portanto, não era irracional, na época, supor que um acordo que os bolcheviques aceitaram no início de 1918 não pudesse um dia ser imposto novamente. Era possível pensar que os bolcheviques já haviam mostrado sua fraqueza ou até sua covardia.

Pode-se acusar Adolf Hitler de muitas coisas, mas de falta de coerência na sua visão ideológica, não. Em 1936, por exemplo, em um dos poucos memorandos mais abrangentes que escreveu sobre política, expressou mais uma vez sua obsessão com o perigo do “bolchevismo”. “Desde o advento da Revolução Francesa”, escreveu, em termos quase apocalípticos, que

o mundo tem se movido com velocidade cada vez maior em direção a um novo conflito, e sua solução mais extrema é chamada de

bolchevismo, cuja essência e objetivo, no entanto, são a eliminação dos estratos da humanidade que até agora exerceram a liderança, para substituí-los pelo judaísmo mundial. Nenhum Estado será capaz de se retirar ou sequer se manter afastado desse conflito histórico. Desde que o marxismo, com sua vitória na Rússia, estabeleceu um dos maiores impérios do mundo como uma base avançada para suas operações futuras, essa questão tornou-se uma ameaça.¹³

Se alguém não tivesse entendido exatamente o que Hitler quis dizer com essas palavras, Hermann Göring deixou seu significado claro em uma reunião de gabinete em setembro de 1936, quando declarou que o memorando do Führer partia da “premissa básica de que o confronto com a Rússia é inevitável”.¹⁴ E apesar de não ter dito mais, em discursos ao público em geral, sobre sua intenção de arrebatar terras no Leste, Hitler continuou reiterando o imenso perigo representado pela existência da União Soviética. Em um discurso em Nuremberg, em setembro de 1937, ele falou sobre a luta contra o bolchevismo em termos épicos. Nunca se furtando de uma hipérbole, definiu-a como um “evento colossal na história do mundo”, e a ameaça bolchevique como “o maior perigo com que a cultura e a civilização da raça humana eram ameaçadas desde o colapso dos Estados na Antiguidade”.

Hitler enfatizou que o conflito com os bolcheviques se dava em todas as frentes. Tudo estava sob ameaça – a vida espiritual alemã, a economia “e todas as outras instituições que determinam a natureza, o caráter e a vida” do Estado. Hitler também lembrou novamente o público de que os judeus estavam por trás do bolchevismo. Pintou um quadro assustador da ameaça que isso representava. Afirmou que os judeus – “uma raça inferior, por completo” – seguiam uma política de extermínio das “classes intelectuais” dos povos que governavam. Eles precisavam fazer isso, explicou, pois caso contrário seriam derrotados pela “inteligência superior”. Resumindo, Hitler afirmou que existia na União Soviética “uma guilda internacional de criminosos bolcheviques judaica e incivilizada” cujo objetivo era “dominar a Alemanha a partir de Moscou”.¹⁵

Deve-se notar que Hitler não se referia à necessidade de invadir a União Soviética simplesmente para conquistar mais terras para a Alemanha. Mas sim que a Alemanha estava ameaçada pelo desejo dos bolcheviques de instaurar a “revolução mundial”. Posicionava-se como um profeta alertando para uma

ameaça existencial. Foi uma posição tática inteligente, dado seu objetivo final – pois seguia a estratégia ainda não declarada de que, para impedir os planos expansionistas dos bolcheviques, era necessário atacá-los antes que avançassem sobre a Alemanha. Dessa forma, os alemães conquistariam todas as terras de que precisavam no Leste, não porque fossem imperialistas, mas como uma consequência “não intencional” de um ato de autodefesa.

A atitude de Stálin com Hitler durante os anos 1930 não foi tão direta. Em julho de 1932, menos de um ano antes de Hitler se tornar chanceler, Stálin ordenou que o Partido Comunista Alemão não se concentrasse tanto na ameaça dos nazistas, mas sim no perigo representado por outros socialistas dentro da Alemanha. Um grupo de comunistas alemães procurou Stálin para tentar convencê-lo a mudar de ideia, mas ele descartou suas preocupações, dizendo a um deles, Franz Neumann: “Neumann, você não acha que se os nacionalistas chegarem ao poder na Alemanha eles vão estar tão preocupados com o Ocidente que vão nos deixar construir o socialismo em paz?”¹⁶

Stálin parece ter acreditado que os muito divulgados ataques dos nazistas aos “criminosos de novembro”, que haviam assinado o odiado Tratado de Versalhes no final da Primeira Guerra, indicavam que Hitler se concentraria em tentar mudar os termos restritivos do acordo com as potências ocidentais. Até certo ponto, ele tinha razão. Embora o inimigo ideológico de Hitler sempre tenha sido a União Soviética, a relação da Alemanha com a França, Grã-Bretanha e Estados Unidos tinha mais relevância no curto prazo. Foram os principais países responsáveis pelas reparações exorbitantes, as perdas territoriais e os limites ao tamanho das forças armadas impostos à Alemanha pós-Versalhes.

Isso não quer dizer que Stálin ignorava os planos de Hitler para a União Soviética. Ele era um leitor atento de *Mein Kampf* e marcava passagens-chave em seu exemplar com um lápis de cor.¹⁷ Mas sabia que a realidade geográfica também impedia que Hitler representasse uma ameaça física imediata, pois alguns países – principalmente a Polônia – formavam uma barreira entre a Alemanha e a União Soviética. Portanto, apesar de todo o desejo de Hitler de conquistar terras na “Rússia e em seus Estados-vassalos”, como ele poderia alcançar esse objetivo em termos práticos?

Tampouco a União Soviética tinha planos imediatos, como afirmava Hitler, de dominar a Alemanha e “instituir a revolução mundial”. Embora

seja simplista dizer que Stálin tenha retirado o apoio bolchevique à revolução em outros países, também é verdade que ele demonstrou pouco interesse por esse objetivo nos anos 1930. De fato, Stálin não dissolveu o Comintern – a organização de grupos comunistas internacionais instituída em 1919 –, mas, como vimos em suas orientações aos comunistas alemães em 1932, seu foco principal era esmagar outros grupos de esquerda que ele acreditava serem uma ameaça ao experimento soviético socialista.

Foram raras as ocasiões em que Stálin aprovou o envolvimento soviético em conflitos estrangeiros. E mesmo quando o fez, suas ações não foram diretas. Embora, por exemplo, tenha mandado dinheiro e armas para ajudar na guerra contra o general Franco, na Espanha, ele sempre se preocupou mais com a tendência exata dos grupos que ajudava. Em particular, queria respostas a uma pergunta vital: eles apoiavam o homem que Stálin odiava quase mais do que qualquer outro – Leon Trótsky?

Stálin conseguiu desbancar Trótsky, um companheiro revolucionário, nos anos 1920. A personalidade carismática de Trótsky e seus dons intelectuais não conseguiram se opor à astúcia paciente de Stálin. Este o expulsou da União Soviética em 1929, e desde então Trótsky vinha causando problemas para ele. Em seu exílio, Trótsky – um talentoso escritor, diferentemente de Stálin – criticava não somente as políticas de Stálin, mas o homem Stálin. Acima de tudo, dizia que ele tinha traído a revolução ao se recusar a adotar o apelo à revolução mundial. Em vez disso, afirmou, Stálin preferiu construir uma estrutura burocrática sufocante na União Soviética para manter sua base de poder. Consequentemente, Trótsky pedia a deposição de Stálin. Em 1933, escreveu que a “vanguarda proletária” precisava eliminar a “burocracia” stalinista pela “força”, para obrigar Stálin a entregar o poder.¹⁸ Quatro anos depois, em 1937, Trótsky foi ainda mais longe e disse, em uma entrevista, que a única maneira de derrubar Stálin, que ele acusava de se colocar “acima de todas as críticas”, era com um assassinato.¹⁹ Naquele mesmo ano, seu livro polêmico e devastador, *The Stalin School of Falsification* [A escola de falsificação de Stálin], foi publicado em inglês. “Você pode fazer malabarismos com citações, esconder os relatórios estenografados dos seus discursos, proibir a circulação das cartas e artigos de Lênin, fabricar jardas de citações desonestamente selecionadas”, afirmou Trótsky na conclusão do livro, atacando o que acreditava ser a tentativa de Stálin de reescrever a história da revolução.

Você pode suprimir, ocultar e queimar documentos históricos. Você pode estender sua censura até mesmo para registros fotográficos e cinematográficos dos eventos revolucionários. Stálin está fazendo todas essas coisas. Mas os resultados não justificam nem justificarão suas expectativas. Só uma mente limitada como a de Stálin poderia imaginar que essas lamentáveis maquinações farão com que os homens esqueçam os eventos gigantescos da história moderna.²⁰

Porém, infelizmente para Trótsky, no final foi o homem que ele pensava ter uma “mente limitada” que triunfou sobre ele. Quando Stálin ordenou o assassinato de Trótsky, um comunista espanhol, chamado Ramón Mercader, o atacou com uma picareta de gelo no México, em 20 de agosto de 1940. Trótsky morreu no dia seguinte devido aos ferimentos.

A surpreendente verdade era que, durante os anos 1930, Stálin não temia tanto que a revolução bolchevique não se alastrasse para outros países, mas que o tipo errado de revolução – liderada pelos “trotskistas” – tivesse sucesso. Essa preocupação explica muito do comportamento de Stálin, pois sua ansiedade em relação a Trótsky alimentava sua natureza extremamente suspeita. Quem, ele perguntava, eram os “trotskistas” trabalhando em segredo dentro da União Soviética? Como veremos, a busca pela resposta a essa pergunta levaria, instigada por Stálin, a muitos milhares de mortes sangrentas.

Foi com esse pano de fundo que Stálin fez um importante discurso sobre política externa na primavera de 1939. Em 10 de março, no 18º Congresso do Partido, ele disse que era “incrível, mas verdadeiro” que “Estados não agressivos” como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França fizessem “concessão após concessão” aos “Estados agressores” (se referindo à Alemanha, à Itália e ao Japão). Talvez, acrescentou, os “Estados não agressivos” estivessem em busca de uma política de apaziguamento por temerem que, se houvesse outra guerra, haveria uma revolução em seus próprios países. Afinal, todos sabiam que a Revolução Bolchevique tinha acontecido na Rússia durante a “primeira guerra mundial imperialista”. Ou, alternativamente, disse Stálin, é por terem abandonado a ideia de “segurança coletiva” em favor da “neutralidade” – uma política que só ajudava “os agressores em seu trabalho nefasto”.²¹

Stálin foi mais longe, chegando a insinuar que os “Estados não agressivos” tinham uma agenda secreta contra a União Soviética. Ressaltou que só

esboçaram uma resposta tímida em face da agressão alemã contra a Áustria e a Tchecoslováquia, e ainda publicaram “mentiras” na imprensa sobre “a fraqueza do exército russo” e “a desmoralização da força aérea russa”. Estavam, portanto, “incitando os alemães a marcharem mais para o Leste, sugerindo uma vitória fácil e passando um recado: ‘Basta começar a guerra contra os bolcheviques e tudo ficará bem’”.²² Foi nesse discurso que Stálin fez sua famosa declaração de que os soviéticos “não permitirão que nosso país seja arrastado para conflitos por belicistas acostumados a ter outros para tirar as castanhas do fogo por eles”.²³

O discurso de Stálin incomodou Winston Churchill, que ainda não havia voltado ao governo, a ponto de levá-lo a perguntar ao embaixador soviético em Londres, Ivan Maisky, se aquilo significava que Stálin não estava pronto para “cooperar com as democracias”. Maisky respondeu que era mais um apelo para que as democracias estivessem “preparadas para lutar contra os agressores e não apenas tagarelando a respeito”.²⁴

Tudo isso aconteceu quando Hitler deu um passo decisivo, que revelou sua verdadeira natureza e intenções. Em março de 1939, ele orquestrou o desmantelamento da Tchecoslováquia, criando um novo país subserviente – a Eslováquia – no Leste e enviando tropas alemãs para o restante do território ocidental, a fim de estabelecer os protetorados da Boêmia e da Morávia.

Foi um acontecimento de grande relevância, em parte pelo que acontecera no ano anterior. Em março de 1938, os alemães invadiram a Áustria e, em seguida, ameaçaram a Tchecoslováquia. Para evitar uma guerra europeia, Hitler foi forçado a arquivar seus planos de ocupar o país e, depois da conferência de Munique de setembro daquele ano, concordou em tomar somente a área fronteiriça dos Sudetos, que era em grande parte ocupada por uma etnia germânica. Esse último ponto foi crucial para suas propostas, pois ele havia afirmado publicamente, durante os anos 1930, que seu único objetivo era a união de todos os povos de língua alemã sob seu governo. Havia certa simpatia internacional por essa posição, ou pelo menos falta de entusiasmo para ir à guerra por essa razão. Como disse sir Frank Roberts, do Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha: “A opinião pública [na Grã-Bretanha] não entenderia uma aliança com a França em uma guerra contra a Alemanha, na Europa, para evitar que alemães se anexassem a outros alemães”.²⁵

Essa atitude despreocupada estava prestes a mudar, assim que Hitler desmembrou o resto da Tchecoslováquia. E a forma como executou essa tarefa,

em março de 1939, nos diz muito sobre a maneira brutal como se sentia capaz de conduzir sua política externa, mas também sobre a extensão de seu desprezo pelos países mais fracos. Era um desprezo, como veremos, que Stálin também sentia.

A Eslováquia, território no leste da Tchecoslováquia, ganhou status especial dos tchecos depois do acordo de Munique, e um padre católico, Jozef Tiso, foi nomeado primeiro-ministro da Região Autônoma Eslovaca. Mas no início de março de 1939, o presidente tcheco, Emil Hácha, retirou Tiso do cargo. Ele estava preocupado com uma possível declaração de independência por parte dos eslovacos liderados por Tiso, algo que os nazistas tentavam arquitetar. Mas Tiso não sabia o que fazer, até conhecer Hitler e ouvir suas ameaças. O Führer disse que avançaria sobre as terras tchecas, independentemente do que os eslovacos decidissem. A única questão para os eslovacos agora era se preferiam a independência ou que os nazistas concordassem com os projetos húngaros em seu território. Como Hermann Göring expressou brutalmente no encontro com uma delegação eslovaca no mês anterior: “Vocês querem se tornar independentes? [Ou devo] deixar os húngaros ficarem com vocês?”.²⁶

Em 14 de março, um dia após o encontro com Hitler, Tiso voltou à Bratislava para uma reunião de crise do Parlamento eslovaco. Um dos políticos presentes, Martin Sokol, resumiu a atmosfera tensa: “Ninguém realmente queria assumir a responsabilidade perante a história [de declarar a independência], pois ninguém poderia saber [...] o que aconteceria com a Eslováquia à tarde”.²⁷ Assim mesmo, os eslovacos concluíram que, no balanço geral, a independência era o caminho menos perigoso a seguir e imediatamente criaram o Estado eslovaco.

Na noite dessa mesma terça-feira, 14 de março, o presidente Hácha da Tchecoslováquia chegou a Berlim para conversar com Hitler. O encontro acabou sendo mais um ritual de humilhação do que uma discussão entre estadistas. Para começar, Hitler manteve Hácha, com 66 anos, esperando – isso depois de o adoentado presidente tcheco ter passado por uma longa viagem desde Praga. O assunto urgente que atrasou seu encontro com Hácha consistia em assistir a um filme chamado *Ein hoffnungsloser Fall* [Um caso sem esperança], uma comédia romântica alemã. Hitler só recebeu Hácha por volta de uma da manhã, e logo começou a reclamar furiosamente. A única maneira de proteger o Reich, falou, era a Alemanha ocupar as terras tchecas imediatamente. Se Hácha não fizesse uma ligação urgente a Praga para ordenar às forças tchecas que não

oferecessem resistência aos invasores alemães, o resultado seria um derramamento de sangue. Göring, que também participou da reunião, acrescentou que seus aviões estavam prontos para bombardear Praga naquela mesma manhã. Nesse momento, Hácha teve um colapso.

Manfred von Schröder, um jovem diplomata alemão, foi testemunha do que aconteceu a seguir:

Nós precisávamos de um médico, e essa foi a minha tarefa [...] o famoso professor Morell [o médico de Hitler] estava por perto, então fiz um telefonema e ele veio e aplicou uma injeção. Depois disseram que a injeção era para ele fazer tudo o que Hitler queria, mas acho que foi uma injeção normal que ele aplicou no braço. [...] Hácha [depois de ter se recuperado] voltou para assinar a rendição da Tchecoslováquia.²⁸

Quando Hácha foi embora, alquebrado pelos acontecimentos da noite, Hitler disse a seus secretários: “Este é o dia mais feliz da minha vida. O que foi tentado em vão durante séculos eu tive a sorte de realizar. Consegui a união da República Tcheca com o Reich. Hácha assinou o acordo. Eu serei o maior alemão da história”.²⁹

Hitler viveu o “dia mais feliz da [sua] vida” graças a uma intimidação implacável. Ele acreditava que na “eterna luta” da vida, um pequeno país, aparentemente sem amigos, deveria fazer tudo o que um vizinho maior e mais poderoso quisesse. Era uma dura realidade política e geográfica que Stálin entendia exatamente da mesma forma.

No entanto, a ocupação das terras tchecas e a criação de um Estado-vassalo nazista na Eslováquia criou um problema para Hitler. A promessa que fizera apenas um ano antes de que os Sudetos seriam sua “última reivindicação territorial” caiu por terra. E como a Tchecoslováquia comprovadamente era constituída por uma população que não se considerava germânica, sua afirmação de que só desejava unir os povos de língua alemã se mostrou uma mentira.

Sir Alexander Cadogan, ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, escreveu em seu diário, em março de 1939, que “chegamos a uma encruzilhada”. Enquanto Hitler só tentasse ocupar territórios ocupados por povos de língua alemã, os britânicos “poderiam fingir que ele estava em seu direito”, mas se ele “começasse a engolir outras nacionalidades, seria o momento de dizer ‘Basta!’”.³⁰

As ações de Hitler foram particularmente prejudiciais para o primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain. Ele não apenas havia assinado o acordo de Munique, que agora fora obviamente rompido, como também cometera um erro crasso de avaliação da situação em sua declaração à imprensa, poucos dias antes de os tanques nazistas invadirem Praga: “A situação externa está menos afiliva e seus possíveis desenvolvimentos desagradáveis me preocupam menos do que algum tempo atrás”.³¹

Depois da rápida conquista das terras tchecas pelos nazistas, Chamberlain achou que não havia nada que pudesse ser feito para restaurar a independência da Tchecoslováquia. A opção que restava era impedir uma maior expansão da Alemanha, particularmente na Polônia. Hitler havia dito por anos que queria recuperar o território alemão perdido para a Polônia nos termos de Versalhes. Assim, ansioso por enviar um sinal ao mundo, em 31 de março Chamberlain declarou na Câmara dos Comuns:

No caso de qualquer ação que claramente ameaçasse a independência da Polônia, e se o governo polonês considerasse vital resistir com suas forças nacionais, o governo de Sua Majestade se sentiria obrigado a prestar ao governo polonês todo o apoio ao seu alcance.³²

O parlamentar trabalhista Arthur Greenwood perguntou se Chamberlain tentaria incluir a União Soviética, entre outros países, “nesse acordo” – isto é, para garantir a segurança da Polônia. Chamberlain respondeu que lorde Halifax, o ministro das Relações Exteriores, “teve um encontro com o embaixador soviético esta manhã” e “não tenho dúvidas de que os princípios sobre os quais estamos agindo são totalmente compreendidos e reconhecidos por aquele governo”.³³ Porém, tratava-se de uma resposta enganosa.

Ivan Maisky, o embaixador soviético, registrou em seu diário detalhes do encontro com lorde Halifax naquela manhã. Escreveu que Halifax entregou uma cópia da declaração de Chamberlain e perguntou se o governo britânico poderia dizer, dentro de algumas horas, que os soviéticos a aprovavam. Maisky respondeu que estava se inteirando do fato pela primeira vez, e que obviamente seu governo ainda não havia lido a declaração, e como seria possível dizer que a União Soviética a aprovava “sob tais circunstâncias”? Halifax ficou “constrangido” e respondeu: “Talvez você tenha razão”.³⁴

A abordagem superficial de Halifax aos soviéticos revela o quanto os britânicos desconfiavam de Stálin e de seu regime. Ao seu gabinete, Chamberlain fora sincero quanto aos seus sentimentos, dizendo em 5 de abril que “desconfiava seriamente da Rússia e não acreditava que poderia obter um apoio ativo e constante desse país”.³⁵ Ademais, considerava uma “atitude patética” pensar na “Rússia como a chave para a nossa salvação”.³⁶

É fácil imaginar por que alguns membros da classe governante britânica, inclusive Chamberlain e Halifax, se sentiam dessa forma. Eles sabiam que os bolcheviques haviam assassinado a família imperial russa ao chegarem ao poder. Era de se esperar que a classe alta britânica e a família real fossem tratadas de maneira igualmente sangrenta se houvesse uma revolução comunista no Reino Unido. Além disso, os bolcheviques não diziam que desejavam que sua “revolução mundial” se espalhasse?

Por outro lado, era um momento desesperador e a ameaça imediata não vinha da União Soviética, mas da Alemanha. Assim, britânicos e franceses sugeriram que Stálin oferecesse garantias à Polônia semelhantes às que eles haviam prometido. Os soviéticos responderam em 17 de abril e propuseram uma ampla aliança militar entre Grã-Bretanha, França e União Soviética. Não somente sugeriram que cada um dos três países apoiasse os outros caso um deles fosse atacado, mas que os três países deveriam se comprometer em ajudar os Estados da Europa Oriental que faziam fronteira com a União Soviética, caso também fossem invadidos.

Foi uma ideia que imediatamente deixou os britânicos desconfiados. “Temos que contrabalançar a vantagem de um compromisso no papel com a Rússia [...] com a desvantagem de nos associarmos abertamente à Rússia”, escreveu Cadogan em um documento de avaliação na época. “A vantagem é, para dizer o mínimo, problemática.” A razão pela qual a aliança proposta era “problemática” mostrava-se evidente para os britânicos. Pois, como escreveu Cadogan, de que maneira os soviéticos poderiam “cumprir essa obrigação sem enviar tropas ou aeronaves contra o território polonês? Isso é exatamente o que assusta os poloneses”.³⁷ Lorde Halifax expressou os temores dos poloneses de forma ainda mais direta. “Um coelho inteligente”, declarou, “difícilmente aceitaria proteção de um animal dez vezes maior, ao qual atribuisse os hábitos de uma jiboia”.³⁸

A preocupação quanto a uma possível incursão soviética em território polonês não seria resolvida durante os meses de discussões subsequentes.

Na verdade, é difícil ver como poderia ter sido. Como os poloneses poderiam acreditar que os soldados do Exército Vermelho deixariam seu país depois de ter entrado na Polônia para lutar contra os alemães, especialmente depois de os poloneses terem travado uma guerra acirrada com o regime bolchevique por questões territoriais vinte anos antes? As coisas ficaram ainda mais complicadas com a oferta britânica de garantias adicionais a dois novos países – a Romênia e a Grécia. Ambos também teriam de ser consultados quanto ao potencial auxílio dos soviéticos aos seus países.

Tampouco os britânicos pareciam considerar as forças armadas soviéticas bem preparadas. Em abril de 1939, os chefes de Estado-Maior afirmaram que, embora o Exército Vermelho fosse indubitavelmente grande, havia muitos pontos fracos em sua estrutura e liderança. Chamberlain concordava, dizendo que, em sua opinião, “as forças de combate russas tinham no momento pouco valor militar para fins ofensivos”.³⁹

No entanto, essa não era toda a história. Apesar dos problemas que identificavam no Exército Vermelho, os chefes do Estado-Maior Britânico achavam que o tamanho das tropas soviéticas seria uma vantagem. Isso significava que “mesmo que a guerra se tornasse tão difícil para os Aliados a ponto de resultar na invasão da Polônia e da Rumênia [sic], os russos ainda poderiam conter boa parte das forças alemãs no *front* oriental”. Profeticamente, os chefes do Estado-Maior também identificaram o enorme risco que os britânicos correriam se não se aliassem à União Soviética: “Talvez devêssemos chamar a atenção para os graves perigos militares inerentes à possibilidade de qualquer acordo entre a Alemanha e a Rússia”.⁴⁰

Enquanto isso, a natureza desconfiada de Stálin continuava a fazê-lo ver potenciais conspirações por toda parte. E se os britânicos e os franceses estivessem conspirando para fazer os soviéticos lutarem sozinhos contra os alemães? Em termos práticos, não seria essa a consequência de alguma aliança que os soviéticos fizessem com a Grã-Bretanha e a França, já que os soviéticos eram os únicos que poderiam prestar ajuda imediata aos poloneses no campo de batalha? Apesar de todas as belas palavras sobre as garantias em relação à Polônia, britânicos e franceses não puderam fazer nada enquanto a Wehrmacht marchava sobre Varsóvia. Pior ainda, e se britânicos e franceses estivessem tramando algum acordo secreto com os alemães, que deixaria Hitler livre para atacar a Polônia e, em seguida, a União Soviética, já que os dois países tinham uma fronteira

em comum? Chamberlain já não havia se mostrado muito disposto a agradar a Hitler em Munique? Por que ele não faria a mesma coisa outra vez?

Tudo isso tornava difícil, se não impossível, saber quais eram exatamente as intenções de Stálin ao propor uma aliança militar com britânicos e franceses. Stálin deve ter percebido que a questão polonesa seria praticamente impossível de ser resolvida. Provavelmente, só queria manter todas as opções em aberto. Não queria “tirar as castanhas do fogo” para britânicos e franceses, mas ao mesmo tempo estava preocupado com o isolamento.

Quanto aos britânicos, eles não sabiam bem o que fazer. Uma facção seguia extremamente desconfiada de Stálin. Sir Alexander Cadogan, do Ministério das Relações Exteriores, chegou a definir a proposta de Stálin de uma aliança militar como “ardilosa”.⁴¹ Chamberlain também continuava desconfiado dos soviéticos. Se a decisão tivesse sido dele, teria havido um mínimo de envolvimento com Stálin. Não só considerava a “Rússia” como “um amigo muito pouco confiável”, como a retirada dos russos da Primeira Guerra ainda continuava viva em sua memória. Chamberlain temia que se houvesse uma formação de blocos de alianças, como acontecera em 1914, esse movimento poderia precipitar um conflito, em vez de evitá-lo.⁴²

Mas outros no gabinete discordaram, e gradualmente suas opiniões passaram a predominar. Para eles, os perigos de uma União Soviética neutra ou – pior – de uma União Soviética aliada a Hitler, superavam as dificuldades de se estabelecer um acordo. Consequentemente, no final de maio, britânicos decidiram se envolver com o ditador soviético. Vale a pena notar o significado dessa decisão, não tanto pelos britânicos terem mudado de ideia, depois da rejeição inicial à proposta de Stálin de uma aliança militar, mas por mostrar uma diferença fundamental entre democracias e ditaduras. Hitler e Stálin tomavam eles próprios as principais decisões de política externa. Apesar de não agirem em total isolamento – pois sempre tiveram de considerar as várias facções ao seu redor e, até certo ponto, as correntes da opinião pública –, em última análise foram eles que escolheram o caminho a seguir. Como veremos, em 1939 foi Hitler, e apenas Hitler, quem decidiu que a Alemanha deveria invadir a Polônia em setembro. E foi Stálin, e apenas Stálin, que decidiu firmar um pacto com a Alemanha nazista. Ainda assim, em maio de 1939 e contra seus próprios instintos, Chamberlain concordou em discutir um possível acordo com Stálin. Em comparação com os dois ditadores, ele respondia diretamente

a seus pares, e por isso a Grã-Bretanha seguiu uma política com a qual seu primeiro-ministro não concordava.

As discussões entre britânicos e soviéticos prosseguiram pelas semanas seguintes, culminando em uma decisão, no final de julho, de enviar uma missão militar a Moscou. Maisky, o embaixador soviético, considerou inicialmente a decisão como um desenvolvimento “extraordinariamente importante”, mas ficou “seriamente alarmado” quando os integrantes da missão britânica compareceram para um almoço na embaixada soviética antes de partir para a Rússia. O chefe da delegação, com o pedantíssimo nome de sir Reginald Aylmer Ranfurly Plunkett-Ernlle-Drax, disse a Maisky que tinha decidido não voar a Moscou porque o avião seria “desconfortável” e eles estavam levando muita “bagagem”. Maisky soube então da “incrível” notícia de que a missão iria viajar para a União Soviética em um vagaroso navio a vapor. “Será que o governo britânico está mesmo querendo um acordo?”, perguntou a si mesmo.⁴³

Enquanto os britânicos preparavam sua missão a Moscou em câmera lenta, surgiram os primeiros indícios de que os alemães poderiam considerar um acordo com os soviéticos. Em 26 de julho, uma semana antes do ineficaz almirante Drax e sua equipe almoçarem na embaixada soviética, autoridades alemãs e soviéticas se reuniram em Berlim, sob o pretexto de falarem sobre questões comerciais. Depois disso, em 2 de agosto, Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores da Alemanha, discutiu uma “remodelação” das “relações russo-germânicas” com o diplomata soviético Georgii Astakhov. Ribbentrop chegou a dizer que, “do Báltico ao mar Negro, não haveria problema que não pudesse ser resolvido para nossa satisfação mútua”.⁴⁴

Em comparação com a abordagem britânica, os alemães agiram rapidamente para tentar chegar a um acordo com os soviéticos. O entusiasmo de Ribbentrop pelo negócio foi crucial. Segundo o agente britânico capitão Malcolm Christie, havia anos Ribbentrop ansiava por uma aliança entre a Alemanha, a Itália, o Japão e a União Soviética.⁴⁵ Entretanto, Ribbentrop era uma criatura subserviente a Hitler, e nunca teria avançado nas discussões com os soviéticos sem o aval de seu Führer.

Houve uma pista para a atitude de Hitler em seu discurso de 28 de abril de 1939, não em termos do que ele disse, mas em termos do que não disse. Apesar da natureza abrangente do discurso e de sua importância internacional,

Hitler mal mencionou seu bem divulgado ódio aos “bolcheviques”.⁴⁶ Preferiu enfatizar seu desejo de uma “estreita amizade e cooperação anglo-alemã”. Também declarou sua convicção na “importância da existência do Império Britânico”, não obstante o fato de os britânicos “muitas vezes” terem usado “a violência mais brutal” para criá-lo – mas acrescentou: “Apesar de estar ciente de que nenhum outro império surgiu de qualquer outra forma”.⁴⁷ Porém, em consequência das recentes ações britânicas, ele foi “forçado” a chegar à conclusão de que “a Grã-Bretanha sempre se posicionará contra a Alemanha”, algo que ele “lamentava profundamente”.⁴⁸

Esse foi também o discurso em que Hitler deu sua famigerada resposta ao pedido do presidente Roosevelt de que a Alemanha desse uma declaração de que não tinha intenção de atacar uma série de países citados. Hitler respondeu da forma mais cortante e sarcástica possível, ridicularizando a tentativa de mediação de Roosevelt e destacando a hipocrisia do presidente, pois “os Estados Unidos já se envolveram em seis casos de intervenção militar desde 1918”.⁴⁹

O discurso marcou um divisor de águas no relacionamento entre a Alemanha e os Estados Unidos. Desde a iniciativa de Roosevelt, na primavera de 1938, de convocar uma conferência sobre a situação dos judeus na Áustria e na Alemanha, realizada afinal em Évian-les-Bains alguns meses depois, Hitler passou a ver os Estados Unidos como uma ameaça crescente. Fez pouca diferença que a conferência de Évian tivesse se mostrado ineficaz e que pouco tivesse ajudado os judeus – pois isso só aumentou a sensação de Hitler de que o resto do mundo era hipócrita quando se tratava da “questão judaica”. O que importava para ele era que Roosevelt demonstrara sua simpatia pelos judeus. Desde seus primeiros discursos, no início dos anos 1920, Hitler afirmava que os judeus eram tão ambíguos que procuravam controlar o bolchevismo e o capitalismo. Então ali, aos seus olhos, estava a confirmação de sua teoria, já que o líder do maior Estado capitalista supostamente se curvava à vontade dos judeus.

No entanto, a realidade ideológica fundamental permaneceu. Hitler estava caminhando em direção ao que, para ele, era a guerra errada. Durante anos ele desejou uma aliança com a Grã-Bretanha, e os comentários lisonjeiros sobre o Império Britânico em seu discurso de abril de 1939 mostraram o quanto ainda admirava os britânicos. Mas eles então o rejeitavam. Assim, Hitler foi forçado a fazer um pacto com um país que sempre quis invadir e lutar contra um país que sempre desejou como amigo. Não foi uma vitória de sua política externa.

De qualquer forma demonstrou uma verdade fundamental sobre a perspicácia política de Hitler. Ele conseguiu formar uma visão de longo prazo – nesse caso, o desejo de criar um império na União Soviética – e estar apto a reagir prontamente a crises de curto prazo – a necessidade de proteger seu flanco oriental para não travar uma guerra em duas frentes. O que ele não conseguiria fazer era vincular suas respostas de curto prazo com sua visão de longo prazo. Faltava esse meio-termo de coerência, e o resultado deixaria muitos de seus correligionários perplexos.

Quanto a Stálin, em agosto de 1939 ele parecia estar em uma posição excepcionalmente forte, sendo cortejado tanto por britânicos como por alemães. Mas essa força era em grande parte uma ilusão. Havia, por exemplo, dúvidas sobre a seriedade das missões britânica e francesa em Moscou.⁵⁰ Os membros da delegação finalmente chegaram à capital soviética em 11 de agosto, mas não demonstraram nenhuma urgência na busca de um acordo. Nada ocorreu dessa forma, por acaso. O almirante Drax foi instruído “a ir devagar e com cautela”. Na verdade, confirmou Drax, Chamberlain nem mesmo queria essa abordagem a Stálin.⁵¹

As ambições políticas de Hitler, ao contrário das de Chamberlain, exigiam que se chegasse rapidamente a um acordo. Ele queria marchar sobre a Polônia antes das chuvas de outono, e um acordo com Stálin garantiria sua fronteira oriental depois de a Polônia ser destruída. Em 11 de agosto, no mesmo dia em que Drax chegou a Moscou, o conde Ciano, ministro das Relações Exteriores da Itália, teve um encontro com Ribbentrop. “A decisão de lutar é implacável”, registrou Ciano. “Ele rejeita qualquer solução que possa evitar a luta e satisfazer à Alemanha.”⁵² No dia seguinte, Hitler disse a Ciano que “a grande guerra deve ser travada enquanto ele e o Duce [o termo italiano para Mussolini como líder] ainda forem jovens”.⁵³

No entanto, Hitler continuou frustrado por ter de considerar um acordo com Stálin para prosseguir com o ataque alemão à Polônia. Na véspera de seu encontro com Ciano, em 11 de agosto, Hitler falou com Carl Burckhardt, o comissário da Liga das Nações em Danzig, e disse: “Tudo que eu faço é dirigido contra a Rússia; se o Ocidente é muito burro e muito cego para entender isso, serei obrigado a chegar a um entendimento com os russos, esmagar o Ocidente e depois voltar todas as minhas forças concentradas contra a União Soviética. Eu preciso da Ucrânia, para que ninguém possa nos matar de fome de novo, como na última guerra”.⁵⁴ Em termos ideológicos, Hitler continuava coerente.

Em 22 de agosto, Hitler teve um encontro com seus comandantes militares em Berchtesgaden, nos Alpes da Baviera, para entusiasamá-los sobre a guerra que se avizinhava. E o contraste entre essa reunião e as discussões que aconteceriam no dia seguinte no Kremlin, envolvendo Ribbentrop e Stálin, é revelador. Hitler e Stálin, em suas respectivas reuniões, demonstraram aspectos-chave de suas personalidades. Em seu discurso aos generais, Hitler se mostrou extremamente presunçoso e obcecado por si mesmo. Anunciou logo no início que “essencialmente tudo depende de mim, da minha existência, por causa dos meus talentos políticos”, mas reconheceu que poderia ser “eliminado a qualquer momento por algum criminoso ou lunático”. Mais adiante em sua preleção, lembrou ao público que “ninguém sabe por quanto tempo vou viver. Portanto, é melhor um conflito agora”. É um momento notável – um vislumbre de seu ego inflado. Pois Hitler estava dizendo que uma das razões para milhões serem arrastados para a guerra era sua aflição quanto à própria longevidade.

Outro fator, prosseguiu, era a capacidade de outros países de enfrentar a Alemanha. As “circunstâncias favoráveis” existentes no momento “não prevaleceriam mais em dois ou três anos”. Enfatizou que “é fácil para nós tomarmos decisões. Não temos nada a perder; temos tudo a ganhar”. Mas também fez um alerta: “Estamos diante de alternativas difíceis entre atacar ou sermos aniquilados, mais cedo ou mais tarde”. Essa última frase era típica da forma como ele estruturou seus argumentos. Uma das táticas retóricas padrão de Hitler era propor alternativas dramáticas – “ou isso ou aquilo” – e sempre apresentando opções extremas.

A ideia de a Alemanha estar sob perigo de “aniquilação” se a Polônia não fosse atacada era grotescamente hiperbólica. Apesar de ser verdade que a economia estava chegando a um ponto crítico, a situação fora criada por Hitler ao exigir que o dinheiro fosse aplicado em armamentos em vez de em bens de consumo. Mas talvez a “aniquilação” que Hitler tinha em mente não fosse da Alemanha, e sim a dele. Como todos os mortais, Hitler estava inevitavelmente a caminho da “aniquilação” física em algum ponto no futuro, e sua preocupação era morrer antes de conquistar o grande império que desejava no Leste.

Paradoxalmente, o que Hitler temia naquele exato momento não era que houvesse guerra, mas que houvesse paz. “Só tenho medo”, afirmou, obviamente pensando no acordo de Munique do ano anterior, “que no último momento um ou outro porco ainda me apresente um plano de mediação”.⁵⁵

Mais tarde, naquele mesmo dia, enfatizou que a Alemanha estava envolvida em uma “luta de vida ou morte” e que “um período de paz não faria nenhum bem”. Admitiu abertamente que daria uma razão falsa ou de “propaganda” para “começar a guerra”, já que “o vencedor não será questionado depois se disse ou não a verdade”. Ao encerrar o discurso, pediu ao público para “fechar seus corações à piedade” e “agir com brutalidade”.⁵⁶

Costumava-se argumentar que a grande guinada na atitude de Hitler em relação à natureza da guerra foi sua decisão de invadir a União Soviética em 1941, um conflito que chamou abertamente de “guerra de extermínio”. Mas, nesse discurso de agosto de 1939, ele mostrara a mesma natureza sanguinária. Hitler estava pedindo, desde o primeiro momento da guerra, que seus generais “agissem com brutalidade” e deixassem de lado as noções tradicionais de honra e cavalheirismo.

No dia seguinte, quarta-feira, 23 de agosto, Joachim von Ribbentrop teve um encontro no Kremlin com Stálin e Vyacheslav Molotov, o ministro das Relações Exteriores soviético. Desde o início, Stálin se mostrou realista e cínico. Quando Ribbentrop, na abertura da reunião, propôs que o tratado de não agressão deveria ser de cem anos, Stálin replicou: “Se concordarmos em cem anos o povo vai dar risada e dizer que não estamos falando a sério. Eu proponho que o acordo deve ser de dez anos”.⁵⁷

Stálin não usou de máximas pseudofilosóficas, como Hitler fazia com frequência, preferindo falar em termos puramente práticos – daí a rapidez com que a reunião com Ribbentrop mudou para uma discussão de “esferas de influência”. Sem definir exatamente o que esse termo significava, Stálin, Ribbentrop e Molotov dividiram despreocupadamente grandes pedaços da Europa que havia entre eles. O único ponto crítico foi a Letônia. Ribbentrop argumentou que a Alemanha deveria manter parte do país em sua “esfera de influência”, mas Stálin queria tudo para si. Depois de uma ligação para Hitler em Berchtesgaden e a aquiescência do Führer à demanda de Stálin, o acordo foi fechado. Embora os alemães ainda não tivessem invadido a Polônia – e Ribbentrop tenha apenas sugerido a possibilidade, dizendo que “o Führer está determinado a resolver as disputas germano-polonesas sem demora” –, eles concordaram que a parte oriental da Polônia deveria fazer parte da “esfera de influência” soviética. Apesar da imprecisão do termo e da falta de qualquer menção explícita aos planos nazistas de atacar a Polônia, todos os presentes sabiam o que estava sendo

discutido. Cada um deles escolheu quais países dominariam. A forma exata que o domínio tomaria era uma questão secundária. O importante era que as duas nações mais poderosas da região haviam concordado, antes de qualquer ação militar, sobre como dividir os despojos. Era o sinal mais claro possível da mentalidade facinorosa comum entre ambas.

Quando tudo foi acordado, Stálin recebeu um esboço do comunicado sobre as negociações a ser divulgado ao mundo. Leu a descrição grandiloquente usada para definir a nova relação entre os dois países e então levantou uma objeção. Perguntou a Ribbentrop se eles não deveriam “prestar um pouco mais de atenção à opinião pública de nossos países”. Afinal, disse Stálin, seus propagandistas vinham denegrindo uns aos outros por “muitos anos”, e “agora, de repente, vamos fazer nossos povos acreditarem que tudo está esquecido e perdoado? As coisas não funcionam tão rápido”. Depois dos comentários de Stálin, a linguagem usada do comunicado à imprensa foi atenuada.⁵⁸

Em seguida houve uma espécie de festa. Stálin tilintou taças com os membros da delegação alemã e até brindou à saúde de Hitler. Quando fotografos foram autorizados a imortalizar a assinatura, nas primeiras horas de 24 de agosto, Stálin pediu que “as garrafas vazias fossem retiradas antes, pois caso contrário as pessoas poderiam pensar que primeiro nos embebedamos e depois assinamos o tratado”.⁵⁹ O líder soviético parece ter achado a incongruência da ocasião divertida. “Vamos brindar ao novo anti-Comintern”, disse enquanto as celebrações continuavam.⁶⁰

Stálin estava ciente da natureza cínica do acordo. Sabia que o abismo ideológico entre os dois lados só havia sido ligado por uma estreita ponte de interesses próprios. Imediatamente após os alemães terem deixado o Kremlin, Stálin disse a Nikita Khrushchev, então chefe do Partido Comunista na Ucrânia, que “há um jogo acontecendo aqui para ver quem pode enganar e ludibriar melhor o outro”. Segundo Khrushchev, Stálin estava de “muito bom humor” e entendeu que Hitler queria “enganar” a União Soviética.⁶¹

O contraste entre a maneira como Stálin conduziu as negociações com Ribbentrop e o bombástico discurso de Hitler em Berchtesgaden no dia anterior foi notável. Enquanto Hitler foi barulhento e vaidoso, Stálin se manteve calado e vigilante. Enquanto Hitler se gabava de sua própria importância, Stálin teve o cuidado de incluir Molotov na reunião, dando a falsa impressão de que as decisões eram tomadas coletivamente no Estado soviético. Enquanto

Hitler pregou sua visão ideológica, Stálin lidou com aspectos práticos. Estava até disposto a rir de si mesmo, algo que Hitler nunca fez.

Embora o pacto de não agressão nazi-soviético tenha inicialmente chocado o mundo, os benefícios imediatos para os dois lados foram óbvios. Hitler conseguiu garantir que a Alemanha não ficasse prensada entre a União Soviética ao leste e os britânicos e franceses a oeste. E Stálin conseguiu seu objetivo de ficar à margem e observar Hitler e os outros Estados ocidentais enfraquecerem uns aos outros com a guerra. Ademais, como resultado do protocolo secreto do pacto de não agressão, ele ganhou a possibilidade de estender o território dominado pelos soviéticos com pouco ou nenhum custo militar.

Sempre foi extremamente improvável que a União Soviética chegasse a um acordo com os nazistas e não com as potências ocidentais. A questão do acesso do Exército Vermelho à Polônia no caso de uma invasão alemã garantia essa opção. Mas os britânicos, e Chamberlain em particular, também contribuíram para eliminar qualquer chance possível de um tratado militar anglo-franco-soviético. Quanto a Hitler, ele ainda não havia desistido inteiramente da ideia de um acordo com os britânicos. Em 25 de agosto, um dia após a assinatura do pacto, ele se encontrou com o embaixador britânico em Berlim, sir Neville Henderson, e apresentou uma última proposta de paz. Exigiu que “o problema germano-polonês” fosse resolvido imediatamente e – assim que o fosse – seria seguido pela perspectiva de uma aliança abrangente com a Grã-Bretanha.

Essas condições jamais poderiam ser aceitáveis para os britânicos, uma vez que a única solução para o “problema germano-polonês” que satisfaria Hitler seria a Polônia capitular e entregar voluntariamente seu território. No entanto, a própria ocorrência da reunião de 25 de agosto demonstra mais uma vez que o ideal de Hitler era uma aliança com os britânicos. “Não é exagero dizer que ele cortejou assiduamente a Grã-Bretanha”, escreveu Henderson sobre Hitler, “tanto como símbolo da aristocracia e da mais bem-sucedida das raças nórdicas quanto como por representar o único obstáculo realmente perigoso para seu plano de longo alcance de dominação alemã da Europa”.⁶²

Dado que os britânicos nunca teriam concordado em participar de tal aliança com Hitler, o pacto com Stálin não chegou a ser surpreendente. Os governos soviético e nazista podiam estar muito distantes em seus objetivos políticos e ideológicos, mas estavam intimamente ligados na mecânica prática da opressão.

Enquanto Hitler não conseguia entender por que sir Nevile Henderson não concordava com o que ele considerava de interesse dos britânicos e deixava de lado um acordo feito com Estados mais fracos, Ribbentrop se reunia com Stálin em Moscou. Assim que se sentaram para conversar, perceberam que podiam se entender facilmente e fingir que se tornavam amigos.

CRÍTICA